



INSTITUTO DE HUMANIDADES  
CURSO BACHARELADO EM HUMANIDADES

**MARIANA ESTEFÂNNY GOMES DE OLIVEIRA**

**O FUTEBOL FEMININO CEARENSE: A LUTA PELA VISIBILIDADE DENTRO E FORA DOS GRAMADOS**

**ACARAPE / CE**

**2024**

## **RESUMO**

Este trabalho explora a história do futebol feminino brasileiro e a luta pela visibilidade das mulheres no esporte, com ênfase no futebol feminino cearense. A análise destaca a relação histórica da modalidade com os movimentos sociais e sua importância no estado do Ceará, especialmente pela conexão indissociável com o feminismo. As conquistas do futebol feminino são fruto de uma luta política pelos direitos das mulheres nos esportes, ao mesmo tempo em que proporcionam visibilidade a diversas causas defendidas pelo movimento feminista, com impactos que reverberam na sociedade. Apesar de sua relevância, são poucos os estudos acadêmicos que tratam da importância do esporte brasileiro, particularmente do cearense, no contexto das pautas sociais e dos impactos gerados pelos posicionamentos políticos de atletas e profissionais do meio esportivo. A metodologia desta pesquisa será documental, utilizando dados históricos, notícias de revistas e jornais, artigos e livros que abordem o tema. O objetivo é contribuir para o acervo acadêmico sobre a modalidade e sua ligação com o feminismo, compreendendo o esporte feminino como espaço de luta e resistência, além de valorizar o protagonismo das mulheres, especialmente cearenses e nordestinas, nesses atos políticos.

**Palavras-chave:** Futebol feminino; feminismo; sociedade; Ceará.

## **ABSTRACT**

This study explores the history of Brazilian women's football and the struggle for women's visibility in sports, with a particular focus on women's football in Ceará. The analysis highlights the historical relationship of the sport with social movements and its significance in the state of Ceará, especially its inseparable connection to feminism. The achievements of women's football result from a political struggle for women's rights in sports while also bringing visibility to various causes advocated by the feminist movement, with impacts that resonate across society. Despite its relevance, there is a scarcity of academic studies addressing the importance of Brazilian sports, particularly in Ceará, within the context of social agendas and the impacts of political stances taken by athletes and sports professionals. This research will employ a documentary methodology, using historical data, news articles from magazines and newspapers, and academic articles and books that discuss the subject. The aim is to enrich the academic literature on the sport and its connection to feminism, understanding women's sports as a space of struggle and resistance, while highlighting the leadership of women, especially those from Ceará and the Northeast, in these political acts.

**Keywords:** women's football; feminism; society; Ceará.

**MARIANA ESTEFÂNNY GOMES DE OLIVEIRA**

**O FUTEBOL FEMININO CEARENSE: A LUTA PELA VISIBILIDADE DENTRO E FORA DOS GRAMADOS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharelado em Humanidades.

Orientadora: Prof. Dra. Janaina Campos Lobo

ACARAPE/CE

2024

**MARIANA ESTEFÂNNY GOMES DE OLIVEIRA**

**O FUTEBOL FEMININO CEARENSE: A LUTA PELA VISIBILIDADE DENTRO E FORA DOS GRAMADOS**

Trabalho de conclusão de curso, na modalidade Projeto de Pesquisa, apresentado ao colegiado do curso de Bacharelado em Humanidades, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) Campus Palmares, como requisito parcial para obtenção do grau de bacharelado em humanidades.

Aprovado em: 29 de novembro de 2024

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Dra. Janaina Campos Lobo (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof. Dr. Bruno Goulart Machado Silva

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof. Dr. Joana Elisa Röwer

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	6
2. FUTEBOL FEMININO NO CEARÁ.....	8
3. JUSTIFICATIVA.....	9
4. PROBLEMATIZAÇÃO.....	13
5. OBJETIVOS.....	14
5.1 Objetivo geral.....	14
5.2 Objetivos específicos.....	14
6. HIPÓTESES.....	15
7. REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
7.1 Contexto histórico do futebol feminino no Brasil:.....	16
7.2 A visibilidade na copa do mundo de 2019: o começo.....	18
7.3 O futebol feminino: um ato político e feminista.....	21
7.4 As entraves que assombram o futebol feminino cearense na busca por seu espaço.....	24
8. METODOLOGIA.....	27
9. REFERÊNCIAS.....	29

## 1. INTRODUÇÃO

Historicamente, os esportes femininos não tinham a devida valorização e tratamento se comparados aos esportes masculinos: “não obstante a quantidade de estudos científicos publicados, a expansão do futebol feminino ainda sofre sérios entraves” (SOUZA JÚNIOR; DARIDO, 2002). Com progressos e retrocessos ao longo dos anos, a modalidade do futebol feminino enfrenta pautas como o machismo e a misoginia que também são muito presentes no cotidiano das mulheres na sociedade brasileira, de modo geral. Segundo o CRFB (Centro de Referência do Futebol Brasileiro) no [início dos anos 1940] os jornais cariocas da época acompanhavam tudo, embora com opiniões bastante divergentes a respeito do jogo e comportamento das “moças”.

Nas décadas de 1920 e 1940 antes da proibição de mulheres não praticarem esportes, o esporte ainda era amador e exercido no circo, sendo considerado um espetáculo. De fato as “partidas”, eram praticadas durante apresentações circenses. Segundo a CRFB: “vê-las jogando era visto como algo tão “excêntrico” que virou atração nos picadeiros...”. Sendo assim, através da arte pôde-se criar camadas contra a proibição a essa tentativa de exclusão das mulheres nestes espaços. Nessa mesma época, o cenário começou a mudar quando o jornal Folha da Manhã lançou uma matéria sobre o sucesso da atração, o que revoltou uma parte da sociedade e os governantes da época: “um verdadeiro atentado à educação física, ao esporte e mesmo à organização esportiva de São Paulo” (FUZEIRA, Jose. A GAZETA ESPORTIVA).

No ano de 1941 ocorreu a primeira proibição instituída por um decreto-lei (3199, art. 54), em que se estabelecia que “as mulheres não deveriam praticar esportes que não fossem adequados a sua natureza”. Tal imperativo foi reiterado pelo CND (Conselho Nacional de Desportos): “não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, do futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball — Deliberação n. 7 do Conselho Nacional de Desportos”. Após estas proibições, as mulheres que queriam praticar esportes e, principalmente, jogar futebol, começaram a ser resistência e sinônimo de luta pelo os seus direitos, tendo uma longa e árdua batalha para conseguirem conquistar pequenas vitórias ao longo dos anos juntamente com o movimento feminista que faz parte da história do futebol feminino.

É apenas em 1988 que foi formada a primeira equipe feminina de futebol para representar o Brasil:

Apesar de uma convocação apressada e com as dificuldades de treinamento enfrentadas pelas atletas na época, a seleção feminina venceu o Women's Cup of Spain, um campeonato mundial realizado na Espanha, que contou com a participação de diversos países. A seleção de futebol feminino conquistou o primeiro título internacional para o Brasil, derrotando seleções de Portugal, França e Espanha (Darido, 2002). O evento mostrou que, em alguns países, o futebol feminino estava em desenvolvimento, como também, no caso brasileiro concedeu mais visibilidade ao futebol de alto rendimento praticado pelas mulheres (BALARDIN ET AL. 2018, p. 102).

A maior visibilidade para a modalidade, aqui no Brasil, aconteceu na copa do mundo de 2019 na França, em que a seleção brasileira feminina bateu recordes de audiência quebrando o mito de que “ninguém assiste futebol feminino”, criando assim um novo cenário para o esporte no qual as atletas começaram a ter voz e a serem ouvidas pelas entidades e pelo público brasileiro.

## 2. FUTEBOL FEMININO NO CEARÁ

No estado do Ceará são poucos os registros sobre os primeiros campeonatos ou partidas de futebol feminino, sendo o primeiro em 1983 quatro anos após a liberação das proibições. Tratou-se de uma partida protagonizada pelas atletas de Ferroviário x Salgado Gama, ainda de forma não oficial, mas este fato marcou o início da história do futebol feminino cearense, o qual durante os anos, assim como no cenário nacional, encontrou sérios entraves para que pudesse desenvolver a modalidade aqui no estado.

Conforme mencionado, no ano de 1983 foi registrada a primeira edição do campeonato cearense feminino, desde então ficou no imaginário das mulheres cearenses que amam esportes a esperança de que teríamos mais apoio, investimentos e competições oficiais que seriam transmitidas pelas mídias, assim como nos outros esportes para que além do reconhecimento também pudéssemos quebrar estigmas criados pela sociedade machista e patriarcal em relação às mulheres que praticam esportes e ‘destoam’ da performance social imposta pela sociedade.

Em 2022 o Ceará Sporting Clube celebrou a campanha histórica do time feminino o qual se tornou o primeiro clube nordestino a ganhar uma competição nacional, conseguindo o acesso para a elite do campeonato nacional feminino. Porém, no mesmo ano, a equipe masculina foi rebaixada, sendo assim, o clube não teria mais obrigatoriedade de manter o time feminino cearense ativo e começou um desmanche na modalidade feminina do clube. Após o cumprimento das obrigatoriedades da regra, durante as partidas que o time feminino cearense disputou - para que não sofresse punições da federação - pudemos ver a discrepância de times com investimento e apoio para times que lutam para ter minimamente um local digno para treinar. Foram partidas duríssimas. A goleira Yasmin do time alvinegro saiu chorando de campo pelo acúmulo de derrotas arrebatadoras para equipes adversárias (em fevereiro de 2022, o Ceará perdeu por 14 gols para o Corinthians). Depois desse episódio houve grande visibilidade no cenário nacional para a situação da equipe cearense, em que jogadoras, torcida e jornalistas cobraram uma posição e medidas efetivas do clube para o time feminino.

Além desse episódio emblemático, e que representa muito bem o que é o futebol feminino, as jogadoras do Sport Club Corinthians Paulista (o qual é referência na modalidade no cenário nacional e internacional e representa a América Latina em grandes competições) reuniram as atletas da equipe cearense em um momento ímpar de acolhimento e união.

No jornalismo, profissionais que acompanham a modalidade seguem cobrando e relembando o descaso com a equipe cearense, além de abordar uma reflexão: será mesmo que

houve um crescimento significativo na modalidade feminina no país ou temos que rever as regras e aprimorá-las para que tenhamos realmente a consolidação do futebol feminino no nosso país?

Sem dúvida, como dito, a copa do mundo de 2019 teve um grande impacto nacional para o futebol feminino. No estado cearense houve movimentações de seus principais clubes para a melhoria da modalidade e para um eventual protagonismo dos times femininos nas principais ligas, porém, atualmente, a realidade é o oposto da que foi proposta no momento de grande visibilidade, gerando uma desvalorização e uma discrepância ainda maior do que havia – especialmente se comparamos com outros estados do Brasil.

Meninas e mulheres que apreciam os esportes femininos tentam contribuir para a mudança dessa realidade no cenário estadual buscando melhorias, mas também usando o futebol para além do campo, utilizando o esporte como ferramenta política e para ocupar espaços como na gestão de um clube esportivo que muitas vezes é inimaginável tendo em vista o contexto da realidade do futebol feminino local.

### 3. JUSTIFICATIVA

A motivação para esse projeto parte da minha paixão por esportes, em especial o futebol feminino, o qual foi a primeira modalidade esportiva que tive contato. Como residente do Ceará, evidenciei o crescimento do futebol feminino e adquiri conhecimento a partir das lutas e manifestações nos protestos dentro e fora de campo, afinal, este é o “país do futebol”. Entretanto, o país do futebol não parece ser para equânime quando pensamos em futebol feminino, conforme reflete o historiador Fábio Franzini:

Hoje, passado mais de meio século da perseguição promovida pela ditadura estadonovista, a identidade masculina criada e constantemente reafirmada ao longo da história da bola no Brasil faz com que boa parte das mulheres sequer se reconheça no jogo - "coisa de homem", lembremos; ao mesmo tempo, outras enfrentam dificuldades de toda sorte para tentar se afirmar dentro dos gramados, com a bola nos pés. Seja como for, para todas elas o país do futebol assume forma bem diversa daquela consagrada no senso comum: para as primeiras, tal país é um lugar muito distante; para as demais, um lugar de exílio (FRANZINI, 2005, p. 325).

Como podemos observar, no Brasil:

Ainda que as mulheres brasileiras tenham praticado o futebol já nos primórdios do século XX, é evidente que essa participação foi significativamente menor que a dos homens, inclusive porque os decretos oficiais da interdição a determinadas modalidades impossibilitaram, por exemplo, que os clubes esportivos investissem em políticas de inclusão das mulheres nos esportes. Esse movimento terá seu início apenas no final da década de 70, quando se estabelecem novas bases para a organização do esporte no país, fazendo com que, em 1979, fosse revogada a deliberação do Conselho Nacional de Desportos que vedava a prática do futebol e do futebol de salão pelas mulheres (GOELLNER, 2005, p. 147).

Além disso, desde que passei a acompanhar os esportes femininos e até mesmo a estudar a modalidade e comentar sobre nas minhas redes sociais, comecei a evidenciar nas partidas o protagonismo de mulheres na arquibancada ou no campo destacando pautas atuais da sociedade brasileira com manifestações de extrema importância como o posicionamento da seleção feminina brasileira contra o então presidente da Confederação Brasileira de Futebol, Rogério Caboclo, que na época estava sendo acusado de assediar uma funcionária. Tal ato gerou grande repercussão no país e só reiterou que o futebol feminino por si é um dos espaços de luta e resistência contra injustiças, preconceitos e discriminação.

Outro ato extremamente importante e que destaca a relação dos esportes femininos com os movimentos sociais, destacando o futebol feminino brasileiro, é a mensagem exibida por uma torcedora na estreia da seleção feminina do Brasil nas Olimpíadas de Paris de 2024 em que havia a mensagem “Demarcação Já”, uma menção aos processos territoriais envolvendo grupos indígenas.

É através dos esportes femininos que meninas e mulheres driblam seus próprios adversários, sejam explícitos ou não, como é o caso de meninas e mulheres que fazem parte de projetos sociais voltados ao futebol feminino. Na cidade de São Paulo, por exemplo, a comentarista Luana Maluf e criadora do “Passa a Bola”, o qual é um coletivo de mulheres para jogar futebol, foi de fundamental importância para que mulheres em situações de vulnerabilidade, como violência doméstica, se encontrassem e fossem acolhidas pelo esporte.

De fato, há várias histórias de atletas que relatam a importância do esporte em suas vidas que de alguma maneira, ainda assim, são atos políticos, mas que vão além desses próprios marcos e no futebol feminino não é diferente. Foi através do esporte que fiz amizades, vivi momentos únicos e sensações incríveis das quais dificilmente irei esquecer; o futebol feminino para mim é sentimento, carrega consigo as causas sociais, mas também histórias de pessoas reais que foram protagonistas da própria história e isso também é um fator que me cativa e aumenta ainda mais a minha paixão pelos esportes de mulheres, principalmente, o futebol.

Outro fator determinante para a criação deste projeto é a sua relação com o movimento feminista que se mistura com o esporte feminino desde a sua estruturação, o futebol feminino além de um mero passatempo se tornou um dos meus principais meios de compreender a sociedade sob um olhar diferente, de um lugar que popularmente se gera alienação, mas que me proporcionou conhecimento, a paixão pela pesquisa, curiosidades e se tornou o meu lugar, mas também de inquietações:

Território permeado por ambiguidades, o mundo esportivo, simultaneamente, fascinava e desassossejava homens e mulheres, tanto porque contestava os discursos legitimadores dos limites e condutas próprias de cada sexo, como porque, através de seus rituais, fazia vibrar a tensão entre a liberação e o controle de emoções e, também, de representações de masculinidade e feminilidade (GOELLNER, 2005, p. 145).

Este, portanto, é um dos principais objetivos deste trabalho, que o leitor possa compreender que os esportes femininos além de ser um lugar de lutas e resistência, também é um espaço de representatividade e oportunidade para que meninas e mulheres possam também ser enaltecidas pelo seu talento, disciplina e perseverança, além de revisar padrões de gênero sustentados pelo patriarcado<sup>1</sup>.

Ademais, foi através de uma entrevista exibida pelo programa “Boleiragem” do canal Sportv, no ano de 2019, com uma das principais jogadoras do futebol feminino brasileiro, a

---

<sup>1</sup> Lerner (2019, p. 290) refere que patriarcado é a “manifestação e institucionalização da dominância masculina sobre as mulheres e crianças na família e a extensão da dominância masculina sobre as mulheres na sociedade em geral”. Ainda segundo Gerda Lerner, o patriarcado sugere que homens detêm “o poder em todas as instituições importantes da sociedade e que as mulheres são privadas de acesso a esse poder”, seria, portanto, o sistema institucionalizado de dominância masculina.

zagueira Erika Cristiano, que comecei a fazer vários questionamentos sobre o futebol feminino no Brasil, indagações pertinentes sobre a pouca visibilidade do futebol feminino em um mundo que já estava na era da tecnologia, mas que proporcionava pouca ou quase nenhuma visibilidade para o futebol feminino, porque se é tão difícil aceitar o protagonismo das mulheres dentro do âmbito esportivo? De onde vem tanta resistência?

Por fim, há pesquisas científicas sobre o contexto histórico da modalidade e sua importância para o esporte brasileiro, mas há uma lacuna quando se trata da história do futebol feminino cearense e suas protagonistas, as quais foram primordiais para que a modalidade resistisse aqui no estado do Ceará.

#### 4. PROBLEMATIZAÇÃO

Este trabalho partirá do enfoque investigativo de analisar o futebol feminino no Brasil, destacando o Estado do Ceará, mas comparando com os movimentos nacionais das mulheres pela visibilidade dentro do âmbito esportivo, dentro e fora dos gramados, pois mesmo com as conquistas dos últimos anos a modalidade continua engajada em pautas sociais que reverberam na nossa sociedade que tem o esporte como seu reflexo. Dessa forma, o antropólogo Roberto Damatta (1982, p. 23) refletia que o futebol também era uma forma da sociedade se revelar, sendo uma esfera em que a vida social se faz e se refaz, inverte-se e afirma-se”.

Apesar de ainda ser um ambiente hostil para mulheres, como o é a sociedade patriarcal, os movimentos sociais - principalmente o feminismo - têm grande participação na luta de atletas, jornalistas e torcedoras que lutam pela quebra de paradigmas dentro do esporte, mas também na sociedade. Apesar de ser uma pauta recorrente em quase todos os lares brasileiros, o futebol ainda é apresentado apenas para os meninos e há uma resistência para que seja incentivado como uma modalidade para as meninas, com muitas disparidades de recursos e visibilidade, como bem destacou (KNIJNIK 2022, p. 87, tradução nossa), ao descrever o descontentamento da jogadora Marta, na copa do mundo de 2019:

Para Marta, a Copa do Mundo Feminina da FIFA de 2019, na França, representou não apenas a chance de liderar a seleção brasileira em busca da primeira medalha de ouro do torneio. A meia-atacante, eleita seis vezes como a melhor jogadora de futebol do mundo, também queria usar o palco global para demonstrar seu profundo descontentamento com as desigualdades de gênero que ainda assolam o mundo do futebol. Como os fabricantes de materiais esportivos internacionais se recusaram a igualar os valores pagos aos jogadores masculinos para patrocinar suas chuteiras, Marta optou por não aceitar nenhum patrocínio para seu equipamento de trabalho. Assim, após marcar seus gols, em vez de comemorar, ela apontava para o símbolo da igualdade de gênero estampado em suas chuteiras, como um lembrete de sua luta social no futebol.

Neste sentido o objetivo é pesquisar a partir destes questionamentos, primeiramente em termos mais amplos: qual foi a importância da copa do mundo de 2019 para o crescimento da modalidade? Qual a relação do esporte feminino com o movimento feminista e a política? Por que após tantos anos as mulheres ainda precisam lutar por seu espaço dentro do esporte brasileiro, sendo que este é o “país do futebol”? E, ainda, enfocando aspectos mais locais: como o futebol cearense tem se organizado em termos de equidade de gênero? Essa modalidade tem se destacado no estado? Como poderíamos incentivar que mais meninas e mulheres fossem atletas? Como preconizar equidade de gênero no futebol feminino cearense?

## **5. -OBJETIVOS**

### **5.1 Objetivo geral**

Analisar o futebol feminino no âmbito nacional, mas com enfoque no estado do Ceará na luta pela visibilidade dentro e fora dos gramados.

### **5.2 Objetivos específicos**

- Pesquisar a relação do esporte feminino com os movimentos sociais, destacando o feminismo;
- Evidenciar e analisar o protagonismo das mulheres no esporte – com especial foco no estado do Ceará - mesmo com a pouca visibilidade que elas têm;
- Compreender o futebol feminino como espaço de luta e resistência;
- Reconhecer a historicidade do futebol feminino cearense para além do campo;
- Etnografar a trajetória de meninas e mulheres jogadoras de futebol no estado do Ceará.

## 6. HIPÓTESES

H<sup>1</sup> - O futebol feminino ganha notoriedade no Brasil com grandes avanços e conquistas na sua história recente, abre-se uma esperança de que ainda mais conquistas estão por vir;

H<sup>2</sup> - O futebol feminino cearense se torna exemplo em gestão, incentivos e investimentos no futebol feminino brasileiro, se comparado ao restante do país, tornando-se o estado mais central no cenário nacional, além de ser referência nas lutas das mulheres no âmbito esportivo, embora tais avanços ainda sejam limitados.

## 7. REFERENCIAL TEÓRICO

### 7.1 Contexto histórico do futebol feminino no Brasil:

Entre lutas e visibilidade, é assim que o futebol feminino no Brasil é caracterizado pela sua história que tem sua origem na década de 1920 onde foram registradas as primeiras partidas de futebol feminino que, diferentemente da construção do futebol masculino no Brasil, precisou resistir aos estigmas já criados de um esporte que já era considerado majoritariamente masculino. A modalidade feminina precisou se fundir às artes dos picadeiros para que atletas pudessem jogar futebol no “país do futebol”, onde eram vistas como mera atrações e as partidas de futebol como performances consideradas espetáculos pelo público.

Segundo a historiadora Aira Bonfim (2019):

Longe dos certames e das festas esportivas promovidas entre os principais clubes de futebol em ascensão da época, é aos picadeiros dos principais circos brasileiros que a manipulação dessas palavras remonta. Este deslocamento do campo esportivo para o campo das artes cênicas incide sobre os esforços de organização da historiografia do futebol de mulheres, uma modalidade que percorreu caminhos particulares quando comparado ao masculino, e por essa razão, foi constituída de manifestações do fenômeno em diferentes ambientes de sociabilidade pública.

A modalidade não era considerada para mulheres por ser entendida como distinta do papel social da mulher na sociedade, ademais, o esporte desde a sua estrutura até a sua criação e inserção na sociedade não foi pensado em nenhum momento para que mulheres também pudessem fazer parte destas práticas esportivas: uma forma de reiterar a função social da mulher em uma sociedade machista e misógina que não abre espaço para as mesmas. Logo, a partir desta estrutura inóspita para mulheres durante a historicidade do esporte feminino é nítido as movimentações das protagonistas desta história para que existisse e resistisse o futebol feminino no Brasil.

Como destaca GOELLNER (2006, s/p):

No, até meados do século XIX, a estrutura extremamente conservadora da sociedade Brasil não permitia às mulheres grande participação em alguns ambientes sociais, dentre eles o esportivo, uma vez que eram criadas para serem esposas e mães.

Maria Lenk, a primeira atleta Brasileira a participar de uma olimpíada e que, diante de sua visibilidade no âmbito esportivo e social, se tornou uma das primeiras referências femininas para que outras mulheres pudessem se sentir representadas e vistas. Lenk teve em sua participação nas olimpíadas de Los Angeles em 1932 a demonstração da força feminina diante de espaços em que não somos bem-vindas, mas que entramos mesmo sem sermos convidadas, para reiterar que a mulher não é só aquela para qual designaram papéis limitados, somos muito mais que essas imposições da sociedade perante o feminino sobre o conceito arcaico de que ser mulher é o de cuidadora da casa e do marido:

Ainda que as mulheres brasileiras não tenham começado a praticar esportes apenas a partir desta Olimpíada, a participação de Maria Lenk é um marco importante a ser registrado porque proporcionou a divulgação da imagem da atleta de competição num tempo em que à mulher correspondia mais a assistência do que a prática das atividades esportivas num grau competitivo. Identificada como de natureza frágil, nesse momento, circulavam vários discursos que alertavam para possíveis perigos que a prática competitiva poderia representar, entre eles, o da masculinização da mulher. (GOELLNER, 2006, p. 88)

O impacto de Maria Lenk na sociedade brasileira em uma década extremamente conservadora foi de uma importância e relevância imensurável; foi através desse ato que se originou as primeiras ações de mulheres, as intituladas feministas pelo direito e a normalização de mulheres nos espaços esportivos:

Nesse sentido, é possível afirmar que a presença da mulher no mundo do esporte representa, ao mesmo tempo, ameaça e complementaridade: ameaça porque chama para si a atenção de homens e mulheres, dentro de um universo construído e dominado por valores masculinos e porque põe em perigo algumas características tidas como constitutivas da sua feminilidade. (GOELLNER, 2006, p.89)

Assim como Goellner afirma, quando adentramos nesses espaços masculinizados causamos desconfortos e “ameaças”. São espaços tidos como sagrados para os homens, nos quais pouco se admite a presença feminina; e no futebol, que desde a sua criação - até a sua estruturação - sempre foi considerado um esporte majoritariamente masculino e completamente hostil para mulheres.

Como abordado nos parágrafos anteriores, a inserção de mulheres nas práticas esportivas, principalmente no futebol, causava desconforto aos protetores do conservadorismo e dos “bons costumes”, o que foi o suficiente para o então presidente da época, Getúlio Vargas, homologasse o decreto-lei nº 3.199 juntamente com Conselho Nacional de Desporto que proibia que as mulheres participassem de quaisquer práticas esportivas com justificativas biológicas e corpóreas da mulher.

Toda a movimentação e ações relacionadas às proibições se tornaram apenas mais uma barreira a ser quebrada, afinal, ser mulher em uma sociedade misógina, patriarcal, machista e reguladora das ações femininas é o de lutar constantemente pela reivindicação de seus direitos, sendo assim, esse entrave foi apenas mais um combustível para o início de ações mais contundentes de mulheres e apoiadores pelo direito de jogar futebol:

Talvez eu tenha sido uma pedra né, porque eu nunca me calei, procurei falar, procurei debater, procurei brigar pelos nossos direitos e talvez eu virei uma pessoa não... Uma pessoa que eles não queriam ter por perto, não vou dizer que fiquei surpresa, mas eles não entenderam por que eu estava jogando meu melhor futebol. Eu fiz parte de dois All-Stars, quando eles elegem as onze melhores, então, minhas companheiras e o pessoal do clube não acreditaram, eles achavam que era um absurdo eu não estar sendo convidada, eu não tinha sido convidada para fazer parte da Seleção, eu não tive despedida, não tive nada para dizer: “Vamos fechar esse ciclo!” Acho que não é só minha despedida, mas a despedida daquele grupo, acho que a gente merecia muito

mais pelo que fez, essa geração que veio depois, acho, é uma geração que tem que agradecer a minha geração, foi lá onde tudo começou, entendeu? (Sissi, documentário FIFA, 2022).

As Pioneiras, um coletivo de mulheres que, junto com Sissi – uma das maiores futebolistas e feministas do Brasil –, enfrentaram adversidades para lutar pelos direitos das mulheres na sociedade brasileira. Mesmo diante de proibições legislativas, essas mulheres ousaram criar um time de futebol. Como a própria Sissi ressalta, as Pioneiras abriram portas para que outras gerações de mulheres pudessem trilhar seus caminhos no esporte. Graças a elas, foi possível o surgimento de atletas icônicas como a rainha Marta, a inigualável Formiga, e a marcante Cristiane, além de tantas outras que fizeram história. Elas não só brilharam dentro de campo, mas também contribuíram significativamente para as lutas e conquistas pelos direitos das mulheres na sociedade como um todo.

Com isto, a deliberação após a insistência das pioneiras em competições e nos lugares altos dos pódios, a lei foi revogada:

Em 1983, quando a Fifa avançou e deu sinais de que se abriria para as mulheres, o CDB deu o segundo passo e aprovou a tão esperada norma, que começava da seguinte maneira: “O futebol feminino poderá ser praticado nos estados, nos municípios e nos territórios”. A modalidade ficou submetida às federações estaduais e à Confederação Brasileira de Futebol (CBF). (Fonte: Agência Senado)

Ser mulher e estar em campo é um ato político, por toda a história e o contexto que o futebol feminino traz para a sociedade brasileira. Entre lutas e (in)visibilidade, o futebol feminino brasileiro ainda existe e resiste contra todas as entraves que aparecem pelo caminho e por um só desejo: jogar futebol naquele que é o país do futebol, assim como afirmou a ex-jogadora de futebol feminino e ativista, Megan Rapinoe, à revista Times: “É preciso vencer para que se haja conquistas e não o contrário”. Antes de tudo, para conquistarmos nossos direitos primeiro, precisamos vencer as barreiras que perpassam nosso caminho, desde a infância com julgamentos e proibições.

Futebol, mulher e luta são inteiramente entrelaçados pela história do esporte feminino assim como o ativismo e o feminismo, como abordado nos parágrafos anteriores e é preciso compreender a história e reverenciar as protagonistas que fazem parte dela.

## **7.2 A visibilidade na copa do mundo de 2019: o começo**

A copa do mundo de 2019 na França foi apenas a oitava edição da competição e a mais memorável, visto que foi nessa copa que recordes foram quebrados seja de audiência ou dentro de campo, a “copa da visibilidade” como foi intitulada por renomados jornais pelo mundo todo, foi também a copa das mudanças, não tão bruscas, é verdade, mas significativas para que houvesse modificações importantes no cenário mundial dos esportes feminino. Como destaca o jornal El País: “Nunca antes na história do futebol o Mundial das mulheres foi tão divulgado

e comentado. Em baixa, seleção brasileira se apoia em poder de superação das mais experientes”.

Esta copa foi também a dos recordes quebrados: nenhuma outra copa houve tantos ingressos vendidos para uma partida de futebol feminino, além disso, no Brasil todos os jogos foram televisionados e as partidas de futebol feminino ganharam notoriedade nos principais programas esportivos no país sendo acompanhadas pelo principais repórteres e analistas da modalidade.

A América do Sul foi responsável por um aumento de 560% na audiência por mais de 20 minutos comparando a Copa de 2019 com a edição anterior, no Canadá, em 2015. Argentina e Chile aumentaram a audiência em 743% e 4.090%, respectivamente. Porém, em números absolutos, o Brasil representou o maior crescimento, com 81 milhões de pessoas a mais. Na audiência total da Copa do Mundo, a América do Sul representou 44,8%, a maior entre todos os continentes (GE globo<sup>2</sup>)

De fato, esta copa trouxe a visibilidade necessária para que entraves fossem derrubados e o futebol feminino brasileiro pudesse começar a se desenvolver de maneira mais efetiva. Como afirma a capitã da seleção brasileira feminina e lateral esquerda, Tamires: “Desde 2019 a gente vem quebrando barreiras com mais visibilidade, investimento... é, com mais meninas querendo ser jogadoras de futebol, então eu olho muito esse crescimento com um olhar muito positivo e espero que isso não pare”.

Ademais, mesmo com as mudanças significativas e a visibilidade conquistada em um torneio feminino mundial, algo que foi tão marcante e histórico, também apresentou ao mundo um futebol com distinções e desigualdades que retrata o cenário social desses países, além de demonstrar, em uma esfera global, o cenário dessas mulheres para conseguir exercer a profissão como futebolista que para conseguir continuar fazendo algo que deveria ser tão fácil e simples para nós, mulheres, é preciso ter uma dedicação ainda maior tendo em vista o pouco ou quase nenhum apoio das federações de seus países, ou até mesmo da maior entidade do futebol, FIFA. Além disso, a CNN noticiou a opinião do presidente da FIFA: “O presidente da Fifa, Gianni Infantino, disse nesta sexta-feira (18) que as mulheres devem “escolher as batalhas certas” para “nos convencer, homens, do que temos que fazer” sobre questões de igualdade no futebol”.

Assim como Gianni Infantino, a sociedade para aceitar e apoiar o futebol de mulheres precisa antes presenciar feitos históricos e até mesmo irrealistas para acreditar na modalidade feminina e que mulheres podem praticar esportes e serem tão bem-sucedidas quanto os homens,

---

<sup>2</sup> Com mais de 1 bilhão de pessoas, Fifa diz que Copa do Mundo Feminina foi a mais vista da história <https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/fifa-divulga-audiencia-da-copa-do-mundofeminina-e-diz-que-mais-de-1-bi-de-pessoas-assistiu-ao-torneio.ghtml>.

porém, há estigmas de um olhar sob a modalidade feminina em relação ao futebol masculino que relativiza os esportes femininos:

Com todo o seu desempenho sendo constantemente relativizado por questões não relacionadas ao rendimento esportivo, as mulheres precisam quase que diariamente lutar pelo desenvolvimento de suas modalidades de uma forma que não é necessária aos homens. Além do esporte feminino ter largado atrás em relação ao masculino, seu percurso conta ainda com mais obstáculos, tornando absurda uma comparação entre os dois. (Planeta Futebol Feminino)

A visibilidade da copa de 2019 também trouxe a discussão sobre esses estigmas e manifestações. A jogadora Marta usou chuteiras pretas com a logo *GoEqual*, movimento criado pela camisa 10 da seleção brasileira que questionava a falta de equidade de gênero no esporte. Desta forma, a brasileira - ao questionar a equidade de gênero no esporte - também aponta para os estigmas que são interligados com o modo que o futebol feminino é tratado pelas federações, marcas esportivas e até mesmo pelos seus dirigentes. Em entrevista a CNN, Marta manda um recado: “Eu escrevo essa carta para o futuro, não apenas o seu, mas o futuro de todas as jogadoras. Um futuro de todas as jogadoras, em que os estádios lotados vão aplaudir de pé o futebol feminino”.

Esta copa demonstrou também que os países como Estados Unidos, Alemanha, Inglaterra, Japão, dentre tantos outros que investem no futebol feminino e valorizam o esporte fazendo investimentos em estruturas, marketing e na valorização da modalidade entre mulheres nos âmbitos sociais, o futebol feminino cresce e o público se faz presente nas grandes competições, trazendo benefícios não só para as atletas e para quem trabalha ou apenas acompanha a modalidade, mas para o todo que pode se beneficiar positivamente e de vários modos com a ascensão desta prática esportiva que já sofreu muitos boicotes e sucateamentos, mas que sempre se reinventa e traz novas nuances para sociedade.

"Precisamos debater e desfazer essa ideia de que futebol é uma coisa só masculina. As mulheres jogam e também assistem. E isso tudo é um incentivo para as nossas esportistas enxergarem que apesar de todas as dificuldades que enfrentam, existe uma luz. Porque se uma profissão é vista como 'dos homens', a gente fica desestimulada a aprender mais, a seguir naquela carreira" (Brasil de fato, 2019<sup>3</sup>)

Importante mencionar que a seleção das norte-americanas ganhou destaque nos principais jornais sobre a luta pela paridade salarial entre as seleções de futebol dos Estados Unidos. A final do mundial ficou marcada pelos gritos de “*equal pay*” vindo das arquibancadas

---

<sup>3</sup> Mulheres se unem para assistir à Copa do Mundo Feminina: <https://www.brasildefatomg.com.br/2019/06/07/mulheres-se-unem-para-assistir-a-copa-do-mundo-feminina>

que significariam não só o apoio da torcida à luta das norte-americanas, mas o início da quebra de entraves relacionadas ao esporte:

A ideia de desenvolver a modalidade, apesar do atraso, é importante. Mas para se criar torneios competitivos e aumentar o número de seleções, é necessário um trabalho de base e de desenvolvimento de ligas nacionais com apoio de bons patrocinadores. Caso contrário, será mais um paliativo (Ge Globo<sup>4</sup>)

A competição, que se destacou pela sua enorme visibilidade, trouxe consigo uma série de fatores que impactaram o futebol feminino globalmente. Sob a atenção do público mundial, esse esporte conquistou mais apoio e atraiu novos fãs. No Brasil, essa dinâmica também se fez presente, permitindo que observássemos não apenas os aspectos positivos, mas também os negativos que surgiram e persistem a partir do "marco histórico" da competição feminina de futebol mais relevante do planeta

### **7.3 O futebol feminino: um ato político e feminista**

Mulheres e futebol em nenhum momento foi um 'casamento' aceito pela sociedade, é algo reprovável aos olhos de quem vê o futebol como uma modalidade indiscutivelmente masculina, afinal, meninos já nascem com chuteiras nos pés e a bola na mão para ir ao campinho aprender a jogar futebol e se idealizarem no futuro como um grande futebolista; enquanto meninas precisam desde o 'berço' aprender a argumentar e a lutar pelo simples desejo de jogar futebol.

A jornalista e ex-jogadora de futebol Aline Calandrini relatou em uma entrevista ao portal de notícias UOL:

Obviamente, enquanto eu jogava no meio dos meninos, sempre tinha uma piadinha, uma gracinha. Falavam que era mulher macho e sapatão por estar no meio dos meninos. É um fator que faz parte da infância de muitas meninas que jogam futebol: ser chamada de mulher macho. Isso ficou marcado.

Esse exemplo é também um relato de todas as mulheres que um dia tiveram que lutar para ir jogar bola no campinho da rua de trás, da escola, no asfalto ou até mesmo dentro de casa. Ser mulher e esportista no Brasil requer coragem e luta, é um verdadeiro ato de resistência que requer a decisão de ser a protagonista de sua própria história. De Sissi e as pioneiras à nova geração que viera a ter Marta, Aline Calandrini, Cristiane, Formiga, Tamires até as mais jovens como Gabi Portilho e Angelina Constatino onde houve suor e uma voz ativa em meio a lutas e

---

<sup>4</sup> Fifa enaltece Copa histórica, mas vaias e protestos por pagamentos iguais deixam mensagem final  
<https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/fifa-enaltece-copa-historica-mas-vaia-eprotostos-por-pagamentos-iguais-deixam-mensagem-final.ghtml>

proibições pelo direito jogar futebol no ‘país do futebol’, como ressalta a pesquisadora e jornalista Lu Castro: “A mulher em campo é um ato político”.

Ademais, a jornalista afirma que “a evolução da modalidade no país foi essencialmente política e, sobretudo, impulsionada pelas reivindicações do feminismo.” De fato, o futebol feminino é entrelaçado com os ideais feministas desde a sua origem e durante a sua história, é uma modalidade que carrega consigo várias bandeiras de causas sociais, mas principalmente do movimento feminista que se entrelaça com a modalidade pela sua luta em comum pela busca e asseguramento dos direitos da mulher no país misógino, machista, patriarcal e paternalista como o Brasil.

O futebol é uma das ferramentas políticas mais antigas usadas no mundo para objetivos ambíguos, seja para ser usada por políticos como propaganda política em meio a guerras e sistemas ditatoriais ou como forma de dar voz a causas importantes na sociedade brasileira, sendo assim, não seria diferente para com o futebol feminino que em sua historicidade é existente a marca de ser um esporte de resistência e uma modalidade que dá voz a causas sociais, principalmente aquelas que envolvem o direito das mulheres e a luta pela aquisição de conquistas e do reconhecimento feminino.

A ex-atleta e ativista Megan Rapinoe ressalta que “As discriminações são interligadas e tudo que se foi conquistado é muito significativo, porém temos que ficar atentos porque tudo isso pode mudar”. Megan é umas das principais futebolistas do mundo neste século ao lado das brasileiras Marta e Cristiane, e assim como as brasileiras, a estadunidense tem voz ativa contra qualquer tipo de discriminação, ambas as atletas lutam pelos mesmos objetivos, para que o mundo seja um lugar mais justo para nós, mulheres.

De fato, ser mulher e lutar contra as ideologias idealizadas no imaginário da população ocidental é um desafio corriqueiro, mas além de lutar pelos seus direitos e contra as diversas formas de violências que infelizmente se intensifica dentro do âmbito esportivo, as mulheres esportistas que são voz ativa nas lutas sociais também são sujeitas da sua própria história se tornando referência para sociedade.

Segundo uma das principais mídias independentes de futebol feminino no Brasil, Fut Das Minas: “O futebol de mulheres é político! Nesta segunda (17), a atacante Byanca Brasil entrou em campo com um bracelete em protesto ao PL 1.904/2024, que busca equiparar o aborto após 22 semanas ao crime de homicídio”.

Como citado acima, a atacante Byanca Brasil se juntou ao coletivo de mulheres para protestar contra a “PL da gravidez infantil” que teve repercussão nacional no mês de junho de 2024, a atacante que atua pelo cruzeiro feminino, time de Minas Gerais, entrou em campo com

um bracelete do qual repassava a mensagem “Criança não é mãe” reforçando a luta para manter o direito das mulheres ao aborto em caso de estupro de vulnerável, segundo a lei brasileira:

Art. 128. Não se pune o aborto praticado por médico: Aborto necessário I - se não há outro meio de salvar a vida da gestante; Aborto no caso de gravidez resultante de estupro; se a gravidez resulta de estupro e o aborto é precedido de consentimento da gestante ou, quando incapaz, de seu representante legal.

Ademais, outras atletas do clube de minas gerais também se pronunciaram ou manifestaram sua indignação e seu posicionamento “contra a PL da gravidez” usando faixas e frases como “criança não é mãe” e “Sou dona de mim” reforçando o seu posicionamento. Estar no futebol como protagonista também é escolher as causas para qual você quer lutar, além da equidade dentro do esporte, mulheres que fazem parte dessa história como um todo também escolhem travar lutas que fazem parte do feminismo e que são antes de tudo debatida em vários âmbitos sociais.

Além desses fatos, o futebol feminino também é um espaço de segurança e acolhimento para mulheres refugiadas, como por exemplo, para jogadora do Milan, Nadia Nadim. A atleta do time italiano é uma das principais figuras do esporte mundial pela sua história da qual ela, aos 9 anos, perdeu o pai, Rabena Khan, no Afeganistão. Nadia saiu do país juntamente com sua mãe e suas quatro irmãs tendo como última parada a Dinamarca, seleção que hoje a atleta defende em competições internacionais entre países. Assim como Nadia, outras atletas refugiadas encontraram no futebol um lugar além do campo, um espaço para expressar suas opiniões e lutas sem medo de serem punidas por esses atos políticos. É isso que o futebol deveria ser, um espaço que deve ser visto de forma mais aprofundada para que se possa entender e compreender o que ele causa na sociedade. Nadia em entrevista a CNN, ressalta: “Eu me expressei no campo e fora do campo [...]”.

No Brasil e no exterior, essas expressões são frequentemente ouvidas, tanto nas arquibancadas quanto nas cabines de transmissão ou nas proximidades dos estádios. O futebol feminino se revela uma ferramenta social e política que vai muito além do campo. A perspectiva do futebol praticado por mulheres<sup>5</sup> é distinta, especialmente porque as jogadoras, ao se dedicarem ao esporte, também estão realizando um ato político. Não se pode desvincular essa

---

<sup>5</sup> Gostaria de pontuar uma reflexão feita pela antropóloga Claudia Kessler, em sua tese de doutorado “Mais que barbies e ostras: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos” (2015, p. 35), na qual explica a diferença entre futebol feminino e futebol de mulheres: “a mudança terminológica para *futebol de mulheres*, aqui presente, pretende abordar amplamente questões referentes a sexo, sexualidade e gênero no esporte, de maneira a abranger a multiplicidade de significados presentes. Ela é colocada como uma reflexão à noção de ‘feminino’, abrangendo também as feminilidades e masculinidades expressadas em jogos realizados nos diversos mundos futebolísticos”.

modalidade da sua relevância para a sociedade, uma vez que está intrinsecamente conectada ao feminismo e aos movimentos sociais.

Atletas, torcedoras, jornalistas e admiradoras dos esportes femininos não são apenas mulheres que são vítimas de um sistema masculinizado e dominador, são além de tudo sujeitas de sua própria história, protagonistas e referências importantes no mundo esportivo e nas sociedades, mulheres que demonstram o poder feminino com manifestações que por muitas vezes são polêmicas, mas necessárias como as relatadas anteriormente, manifestações corajosas que contrariam o sistema, mas que evidencia a força e a voz de mulheres esportistas que usam sua visibilidade para debates importantes perante causas que precisam ser vistas e discutidas.

Essas mulheres podem causar impactos positivos perante a sociedade, os times são diversos e diversidade é o que mais há nos times femininos, seja pela questões raciais e como mulheres negras podem ser enaltecidas perante a sociedade simplesmente por estarem em um espaço que antes era inimaginável ser alcançado, ou pelas questões de gênero e sexualidade, o quão incrível é ter mulheres lésbicas sendo protagonistas e reverenciadas no seu âmbito profissional que tem um alcance global, dentre tantas outras histórias. Não é pelo campo, é pelo que existe além dele, é pelas mulheres além de seus corpos, é pelo que são e representam.

#### **7.4 As entraves que assombram o futebol feminino cearense na busca por seu espaço**

A Copa do Mundo de 2019 deu um impulso significativo à visibilidade do futebol feminino no Brasil, mas é fundamental direcionar a atenção para as dificuldades enfrentadas pelo futebol local, que se encontra em uma situação ainda mais delicada do que os clubes dos centros, como o Corinthians e a Ferroviária. No Ceará, o futebol feminino experimentou um momento de valorização no campeonato estadual após o evento mundial de 2019, que gerou um impacto benéfico para a modalidade no estado. Isso se deu por meio de leis adotadas pela CBF, a principal entidade esportiva do país, que estabeleceu uma norma obrigando os clubes da Série A. possuírem equipes femininas profissionais para participar das competições nacionais. Como aborda o estatuto da CBF: “Desde 2019, todos os clubes que disputam a Série A são obrigados a ter equipes femininas. E o presidente da CBF, Ednaldo Rodrigues, anunciou em fevereiro que a partir de 2027 equipes das quatro divisões do Campeonato Brasileiro terão essa obrigatoriedade”.

Embora a lei tenha sido implementada e sua aplicação se torne obrigatória, é necessário reconsiderar os parâmetros e a maneira como será executada em nível nacional, com o suporte das federações regionais. No estado do Ceará, os clubes que se destacam no panorama esportivo nacional são, sem dúvida, os principais times do estado: Ceará e Fortaleza. O clube

cearense foi o pioneiro no Nordeste a conquistar um título nacional, enquanto o time tricolor, conhecido como as Leões do Pici, caminha rumo a uma trajetória promissora, inspirando-se em sua própria história repleta de reviravoltas positivas.

Apesar de ainda existirem lacunas significativas em sua história, é importante destacar os projetos esportivos dedicados ao futebol feminino no estado. Esses projetos têm sido essenciais na formação de atletas que conquistam espaço em times de prestígio fora do Ceará. Um exemplo disso é a Associação Menina Olímpica, uma iniciativa criada pelo ex-jogador

Chagas Ferreira, que está ativa desde 2006 e tem como sede as cidades de Maracanaú e Fortaleza. Juntamente com os clubes cearenses que fazem parte dessa trajetória, essas associações e projetos desempenharam um papel crucial para que meninas e mulheres pudessem praticar o futebol e sonhar com um futuro promissor no esporte.

Sempre tivemos um projeto de formação das categorias de base e uma equipe profissional de competição. Mas a Escolinha de Futebol Menina Olímpica é inédita. Pela primeira vez teremos um projeto para a iniciação esportiva com apoio financeiro e todas as condições proporcionadas pela Lei de Incentivo ao Esporte, destaca Chagas Ferreira, presidente da Associação Menina Olímpica.

Mesmo que existam projetos esportivos promissores, regulamentações para equipes femininas e o apoio da população cearense às modalidades femininas, ainda encontramos sérios entraves no futebol feminino do Ceará. O estado carece da valorização necessária por parte dos clubes mais relevantes. De fato, são poucos os clubes cearenses que conseguem manter boas colocações em competições no cenário nacional, mas, é de fundamental importância que a categoria masculina não influa nas equipes femininas, ademais, é preciso que se reavalie a forma como as modalidades femininas são tratadas por esses clubes, especialmente considerando que recentemente tiveram destaque nas manchetes da mídia local e nacional.

Pelo direito de torcer pelo Futebol feminino espera-se que a FCF coloque os jogos em locais acessíveis ao transporte público, com ambulâncias, banheiros adequados, segurança privada, praças de alimentação, dentre outros, e é em dias e horários diferentes dos jogos do Brasileirão masculino. (Brasil de fato)

A Federação Cearense de Futebol, juntamente com os clubes cearenses, detém uma das maiores críticas que não se limita à região cearense. Infelizmente, as atletas enfrentam constantes desafios relacionados à logística para disputar partidas em locais de difícil acesso, com escassa infraestrutura e apoio. Essa situação compromete não apenas as jogadoras, mas também os profissionais das equipes e o público que busca acompanhar os jogos. É fundamental destacar que, em meio a momentos de progresso e decisões equivocadas que retardam o desenvolvimento da modalidade no estado, as atletas e todos os envolvidos no futebol feminino cearense lutam incansavelmente por melhorias. Conforme evidenciado anteriormente, ser

mulher e praticar futebol constitui um ato de resistência e enfrentamento aos impedimentos que permeiam essa prática esportiva na região.

O tempo de colheita está por chegar. Para este ano, estamos preparando a categoria Sub-17 do Feminino pela primeira vez e facilitando também o acesso de novas equipes que possuem o viés de projetos sociais, por exemplo, R4, Juasal e Associação Movimenta Comunidade, todos do Cariri. Além desta categoria, já estamos nos organizando para o nosso Feminino Adulto também, disse Mauro Carmélio, presidente da FCF.

Apesar das declarações otimistas de alguns líderes de federações, como o presidente da Federação Cearense, a percepção é de que essas promessas são vazias, especialmente considerando o contexto difícil enfrentado por essas instituições. Em um panorama recente de 2024, o campeonato cearense feminino contou com apenas seis equipes. Em comparação com 2019, não houve avanços significativos, já que naquele ano o campeonato contava com apenas cinco times. Isso indica que, entre 2019 e 2024, a Federação Cearense não tomou iniciativas para regulamentar ou expandir o número de equipes femininas participantes, nem melhorou a infraestrutura ou as premiações. Portanto, questiono: por que o futebol feminino no Ceará permanece estagnado e sem evolução? Qual a razão para que equipes cearenses com grande destaque a nível nacional ainda não tenham implementado estratégias para fortalecer o futebol feminino local visando as competições nacionais? Seria uma questão de falta de recursos ou simplesmente um desinteresse por parte dos gestores?

Se fôssemos analisar o cenário do futebol feminino em todo o país excluindo as regiões de grande expressão para o futebol feminino brasileiro, veremos que a consolidação da modalidade no Brasil ainda está longe de acontecer. No Ceará temos um histórico muito parecido, veremos o presente repetindo o passado, com ações diferentes e outras já conhecidas daqueles que trabalham há algum tempo com o futebol feminino e que sonham com consolidação deste esporte no Brasil, para que no final, sem prerrogativas e hipocrisias possamos dizer que este é o país do futebol.

## 8. METODOLOGIA

Para entendermos melhor a historicidade do futebol feminino cearense, é preciso de início que entender o futebol feminino no cenário nacional para que possamos de fato conseguir analisá-lo localmente. Para uma análise primária, farei a leitura de artigos de pesquisadoras do museu do futebol e do centro de referência do futebol brasileiro, do qual também faz parte do museu e tem em seus arquivos documentos sobre a iniciação de forma oficial do futebol feminino no Brasil. Além dessa revisão bibliográfica, também farei uma busca no site do Senado Federal para pesquisar mais sobre a lei de proibição para os esportes femininos no Brasil, em especial, o futebol feminino.

Além destes artigos pesquisados por historiadores e sociólogas filiadas ao museu do futebol, também será necessário pesquisar em revistas e jornais da época de inserção do futebol feminino no Brasil e notícias contemporâneas sobre o esporte, para que a pesquisa seja composta de forma mais detalhada e informativa, além do mais, por algumas décadas o futebol feminino no Brasil foi registrado apenas por mídias independentes e alguns jornais oficiais, devido a essa carência nas pesquisas usamos também as mídias sociais de jornalistas independentes que são reconhecidos pela pesquisa na área.

Ademais, no futebol feminino cearense, devido aos poucos registros oficiais e documentados por clubes e pelo próprio museu do futebol (que busca documentar a história do futebol feminino em todo cenário nacional), ainda não há nada referenciado ao futebol cearense, logo, as pesquisas nas mídias independentes divulgadas por profissionais que acompanham o futebol feminino há um longo tempo tem uma importância ainda maior neste trabalho.

Contudo, este estudo será de caráter documental, do qual é a pesquisa de documentos considerados de caráter oficial, ou seja, registrado por instituições ou de documentos considerados dispersos, mas que não perdem o valor do seu caráter informativo como destaca Gil (2009):

[...] não receberam nenhum tratamento analítico. Nesta categoria estão os documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos, etc. Incluem-se aqui inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins, etc. (GIL, 2009, 46)

Portanto, este será um estudo documental, buscando reunir uma ampla gama de informações sobre os clubes nacionais, especialmente os cearenses, em jornais, revistas, portais de notícias, entrevistas em programas esportivos, artigos e redes sociais de jornalistas

independentes que acompanham a modalidade e trabalham para a evolução da visibilidade do esporte citado acima no cenário nacional.

Ainda, utilizarei a técnica de entrevistas semi-estruturadas, as quais serão dirigidas às jogadoras de futebol, em atividade ou não, para que essa história de mulheres possa finalmente ser escrita. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujo interesse é recuperar uma parte importante do futebol cearense.

## 9. REFERÊNCIAS

BALARDIN; DUARTE; MAZO; VOSER. O futebol feminino no Brasil e nos Estados Unidos: semelhanças e diferenças no esporte. **Revista Brasileira de Futsal e Futebol**, São Paulo. v.10. n.36. p.101-109. Jan./Fev./Mar./Abril. 2018. Disponível em: <https://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/549>. Acesso em: 19 jun. 2024.

BONFIM, Aira Fernandes. **Football Feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 2019, Dissertação - Mestrado em História, Política e Bens Culturais, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/01930c3e-8765-49b2-ab18-13bbccb49f4b>. Acesso em: 10 abr. 2023.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, R.; FLORES, L. F. B.; GUEDES, S. L.; VOGEL, A. **Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

FRANZINI, F. Futebol é "coisa para macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/nTrFPPWwPkMTKPMmBmtRwCc/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 abr. 2023.

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143- 51, abr./jun. 2003. Disponível em:

GOELLNER, S.V. Mulher E Esporte No Brasil: Entre Incentivos E Interdições Elas Fazem História. **Pensar a Prática** 8/1: 85-100, Jan./Jun. 2005. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/index.php/fe/article/view/106>. Acesso em: 17 ago. 2024.

GOELLNER, Silvana Vilodre. As pioneiras do futebol pedem passagem: conhecer para Reconhecer. Silvana Vilodre Goellner e Juliana Ribeiro Cabral. São Paulo: Editora Ludopédio, 2022.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado**. História da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

KESSLER, Claudia Samuel. **Mais que barbies e ostras**: uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. Porto Alegre: UFRGS, 2015 (Tese de Doutorado).

KNIJNIK, Jorge. Doing and undoing gender on Brazilian football fields. In: KNIJNIK, Jorge ; COSTA, Ana (eds). **Women's Football in Latin America**: Social Challenges and Historical Perspectives. Vol 1. Brazil. Springer International Publishing AG, 2022. Disponível em: <https://link.springer.com/book/10.1007/978-3-031-07976-4>. Acesso em: 18 ago. 2024.